

## **Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino**

**Adriana Aparecida Almeida de Oliveira**

**José Sterza Justo**

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

**Resumo:** A contemporaneidade se caracteriza, fundamentalmente, pela incorporação e aceitação do efêmero e do provisório. Diante da volatilidade e da intensificação da vida, o tédio comparece como manifestação de um cansaço e da despotencialização do sujeito. O objetivo principal da presente pesquisa foi identificar e analisar as expressões do tédio na cultura, tomando como *corpus* o romance de Fernando Sabino intitulado “O Encontro Marcado”, publicado em 1956. Foi possível identificar, na história de vida da personagem principal, o declínio dos investimentos afetivos e da sensação de encanto com a vida. De uma vida agitada, irreverente e contundente, na juventude, a personagem vai mergulhando num estado de tédio, com um casamento e um emprego público que não conseguem sustentar ou produzir sentidos básicos capazes de manter a força e a alegria de viver.

**Palavras-Chave:** Tédio, Contemporaneidade e Literatura.

A contemporaneidade constitui-se como sendo o tempo atual no qual mudanças importantes e outras ainda em curso estão dando feições ao mundo diferentes daquelas consagradas pela modernidade, seja pela intensificação e radicalização do processo de modernização ou pela eclosão de novos processos, dentre eles, inclusive, aqueles que foram situados como próprios da pós-modernidade.

Este período se caracteriza, segundo Harvey (1998), pela incorporação e aceitação do efêmero e do provisório, tornando mundanas as imagens de aceleração, instabilidade, precariedade, metamorfose, fragmentação, imaterialidade, mixagem e outras que compõem a condição humana na atualidade.

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelariano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a

ele e sequer definir os elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse (Harvey, 1998, p.49).

Bauman (1998) depois de ter assimilado a noção de pós-moderno, em seu livro “O Mal Estar da Pós-Modernidade”, recuou e passou a usar e abusar da metáfora dos líquidos para caracterizar a atualidade como uma “modernidade líquida” (2001). Também ele entende que a modernidade se caracteriza pelo desmoronamento da ordem tradicional e pela busca de um novo modo de ser que é sempre reiterada em incessantes começos (sempre começar, constantemente).”(...) De fato, pode-se definir a modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem” tradicional”, herdada e recebida; em que ser significa um novo começo permanente (Bauman, 2001, p.20)”.

Deleuze (1992), enfatizando a contemporaneidade como a disseminação da sociedade de controle, afirma que nessa sociedade nada se termina, nada se acaba, tudo permanece num constante estado de recomeço que não leva a lugar algum e retorna ao ponto de partida. Um processo de repetição que intensifica o tempo e mantém a vida sempre acelerada.

O estado de “recomeço permanente” cria uma situação de instabilidade, provisoriedade e precariedade dos vínculos e dos relacionamentos, rompendo com as tradicionais situações de estabilidade e segurança típicas das sociedades pré-modernas e do sedentarismo.

(...) Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido (trabalho, família, vizinhança) são indisponíveis ou indignos de confiança, de modo que é improvável que façam calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono (Bauman, 2005, p.37).

Nesse ambiente de instabilidade, provisoriedade e de abreviação dos vínculos, não há lugar para a estabilidade e durabilidade. Os vínculos sociais e psicológicos tendem a se fragilizar e esvaecer a figura do outro, acentuando o individualismo e a produção de relacionamentos passageiros. Aliás, como destaca Augé (1994), o próprio da hipermodernidade, tal como ele chama a contemporaneidade, é criar espaços de trânsito, de passagem, anônimos, não identitários, pelos quais o sujeito circula como um passageiro à deriva, totalmente conduzido orientado e monitorado em seus passos.

O abrandamento dos vínculos e dos relacionamentos, somado ao individualismo e ao temor ou ao incômodo, suscitado pela presença do outro, cria certo refluxo na convivência e nas ligações pessoais, caracterizando o que tem sido chamado de solidão na multidão (Tanis, 2004), solidão essa já detectada por Baudelaire no século XIX, no fervilhar da modernidade (Medeiros, 2009).

No cenário da solidão, da indiferença e do vazio produzido pela velocidade, pelo distanciamento do outro e pela brandura das vinculações e relacionamentos, destaca-se uma forma de subjetivação: o tédio. Estamos tomando este como expressão de experiências básicas da modernidade, que começaram a se despontar no século XIX e se prolongaram até os dias atuais, relacionadas à vivência da aceleração do tempo. O tédio se apresenta como uma tentativa de parar o tempo ou recusar um ritmo de vida frenético.

Comparando a sociedade atual com a sociedade mais antiga percebe-se que nesta última o sujeito vivia uma angústia maior em relação às regras a serem obedecidas. Naquela época, a repressão era mais significativa, não dando espaço para a autonomia nem para a liberdade de expressão. A repressão podia ser originada por imposições políticas, ou por imposições religiosas. O que se observa na sociedade contemporânea é que os sujeitos se deparam com inúmeras possibilidades. Por mais paradoxal que pareça, o vazio depressivo impera frente à autonomia e às liberdades conquistadas: tudo é permitido fazer, e não se sabe que rumo tomar com tanta liberdade. Os sujeitos permanecem desamparados, imersos nesse “mar de possibilidades” (Carvalho, 1998, p.134).

“Mar de possibilidades” entendido, sobretudo, como alternativas de escolhas dentre as variedades de mercadorias ofertadas para o consumo. O próprio sujeito, constituído na onipresença do mercado, se transforma em mercadoria e se relaciona com o outro também transformado em mercadoria. Em suma, as liberdades e as possibilidades existentes têm como referentes principais o “mar de mercadorias”. Transformado em objeto e despossuído de si mesmo, o homem se desvanece enquanto sujeito e perde o fio dos sentidos de sua existência.

O tédio é um cansaço de viver, uma despotencialização da vida ou diminuição da sua intensidade: uma vida de baixa intensidade. Pode também ser entendido como uma recusa a acompanhar o ritmo frenético da superfície da vida, um desligamento da orgia da velocidade, uma apatia e desinteresse pelos espetáculos do mundo. Carvalho (1998, p.5) afirma que o tédio assenta-se num sentimento de fastio, num cansaço diante do transformismo incessante e das super ofertas de um mundo que se funda na imagem da abundância e do consumismo.

Charles Baudelaire (Apud Carvalho, 1998), já no século XIX, detectava a aparição do tédio, descrevendo-o como inércia, inatividade, vida de baixa intensidade, ponto de chegada às baixas intensidades e estado de insatisfação permanente, também como conseqüência da passagem de momentos de alta intensidade para os de baixa intensidade. A obra de Baudelaire permite compreender mais profundamente o conceito de tédio e uma pré-anúnciação da contemporaneidade. Como assinala Carvalho (1998 p. 59): “Talvez sua obra funcione como porta-voz de uma época que então se anunciava e que hoje se encontra consolidada, inclusive, quanto aos seus modos de subjetivação”. Assim como modo de subjetivação característico da contemporaneidade, este estado vivido está circundado por uma avalanche de objetos do gozo, mas vazio de sentido. Os objetos estão aí, mas o sentido não; é a falta de sentido que torna os objetos indiferentes. O tédio diz respeito à indiferença, que é o oposto, segundo Freud (1916/1970), tanto do amor como do ódio, porque ela não vincula. A sociedade do consumo, como uma sociedade não vincular, desperta justamente a indiferença e não o amor ou o ódio. O objetivo da presente pesquisa foi analisar a manifestação do tédio como modo de subjetivação moderno, tomando como corpus a literatura, mais especificamente, a obra de Fernando Sabino “Encontro Marcado”.

### ***Método***

As produções artístico-culturais constituem um caminho seguro para se captar as subjetivações emergentes num dado tempo e lugar, visto que elas funcionam como expressão - como manifestação simbólica - da experiência humana ou da realidade vivida. A arte, em particular, é a grande intérprete do homem e do seu mundo e não só

revela como também produz sentidos pelos quais o homem dá inteligibilidade e orienta suas ações. Por isso mesmo, Baudelaire é tomado como um grande intérprete da modernidade e do século XIX. São muitos os autores das ciências humanas que buscam nele, enquanto escritor, retratos capazes de trazer à tona a experiência daqueles que viveram as mudanças e ebulições dessa época.

A presente pesquisa utilizou a via da arte como acesso à experiência do tédio na contemporaneidade. Baudelaire, além de ser reconhecido como um grande intérprete do seu tempo, também é tido como um dos pioneiros a captar a emergência do tédio na modernidade. Seus poemas, publicados sob o título de *Spleen de Paris*, são tomados como um dos grandes registros literários do tédio.

Outros grandes escritores como Fernando Pessoa, Álvaro Campos, Fernando Soares, por exemplo, são tomados como referências centrais no estudo da poética do tempo e do tédio Guida (2008). Tantos outros poderiam ser citados como intérpretes do tédio na contemporaneidade. Clarice Lispector é uma dessas escritoras sempre lembrada quando se interroga pelos grandes intérpretes da nossa cultura. Tal como afirma Adam (2005) não apenas os personagens de Clarice Lispector manifestavam um tédio, decorrente de uma situação de pobreza da vida, mas também ela própria se entediava com a rotina do cotidiano repetitivo e vazio.

A presente pesquisa elegeu como corpus o romance de Fernando Sabino intitulado *Encontro Marcado*, publicado em 1956. A escolha de uma obra de Fernando Sabino não teve a pretensão de considerá-la como a mais expressiva de um tempo ou suficiente para examinar a experiência do tédio que se sobressai na modernidade e se acentua nos fins do século XX, com a configuração do pós-moderno.

Tantos outros escritores e obras poderiam ter sido selecionados, talvez até com maior pertinência ao assunto. No entanto, tal escolha se deve a razões várias algumas até alheias às questões metodológicas, mas que não podem ser ignoradas ou dissimuladas. Levou-se em consideração, evidentemente, a importância e o reconhecimento do escritor e da obra escolhida; uma análise prévia e análises já realizadas por outros autores que indicam tratar-se de uma obra profícua para o exame do tédio; a familiaridade da pesquisadora com esse autor; a proximidade do mesmo com o campo da psicologia, tal com ressalta Delgado (2007).

#### ***“Encontro Marcado” com o tédio***

O livro escolhido, *“O Encontro Marcado”*, ambientado nos anos de 1940 e 1950, pode ser considerado como uma fala do alter ego de Fernando Sabino (Delgado, 2007, p. 9).

A obra retrata a vida de Eduardo Marciano, sua infância, juventude e parte da vida adulta, ressaltando os vínculos de amizade e os costumes de uma época, caracterizando o romance de Sabino como de uma geração. O personagem busca a si mesmo e uma razão para sua vida.

“O princípio de esperança percorre toda a trama do livro, mas a angústia existencial e os reiterados desencontros da vida de seu personagem atuam como contrapontos dessa esperança. Esses sentimentos nunca abandonaram Eduardo Marciano, ao longo de sua trajetória existencial” (Delgado, 2007, p.9).

Ao longo da vida, a personagem tem muitos momentos de desencontros e angústias. A escrita possui certo lirismo introspectivo possibilitando uma maior aproximação com os pensamentos e emoções relatados pela personagem.

A narrativa do livro conta as vivências de um homem, suas angústias, seus medos trata-se de uma escrita introspectiva: História de adolescência e juventude, de prazeres fugidios, desespero, cinismo, desencanto, melancolia, tédio, que se acumulam no espírito do jovem escritor Eduardo Marciano, um homem que amadurece num mundo desorientado (...) (Sabino, 1956/2006, p.2)”.

Enquanto um romance que teve bastante aceitação e reconhecimento como uma obra literária, “O Encontro Marcado” dá subsídios para uma aproximação às experiências do sujeito contemporâneo, através do contato com sua personagem principal.

A primeira parte do livro intitulada “A Procura”, relata o nascimento, infância e início da vida adulta de Eduardo Marciano. Inicia-se ilustrando as brincadeiras da personagem e sua forte personalidade. Havia momentos em que os pais não sabiam o que fazer frente aos mandos e desmandos da criança que, por exemplo, só ia à escola quando queria.

A adolescência foi marcada por duas situações. A primeira, quando Eduardo ganha um prêmio na escola, por um conto que escreveu, e vai recebê-lo no Rio de Janeiro. Após a homenagem ele decide ficar na cidade sem avisar a família e com pouco dinheiro. Vendo a demora do filho, o pai vai buscá-lo. A segunda, quando Eduardo passa a praticar natação, dedica-se intensamente ao esporte e torna-se campeão regional, com um recorde que leva anos para ser batido.

No início da fase adulta, Eduardo inicia a faculdade de Direito, mas não a conclui. Nesse período, ele decide tornar-se escritor. Trava fortes laços de amizade com Mauro e Hugo, com os quais passa toda sua juventude, vivenciando muitos momentos de reflexão sobre vida e política, assim como, realizando ações de protesto e “vadiagem”.

Protestavam escrevendo artigos num jornal da cidade, questionando as instituições, fazendo intervenções na faculdade, como em uma homenagem solene ao reitor na qual acabaram por ridicularizá-lo. As atitudes de “vadiagem” podem ser visualizadas em gestos niilistas tais como o do enterro de um esqueleto numa praça da cidade; do roubo de uma loja de chapéus pelo simples prazer de usar um chapéu no meio da madrugada ou o da retirada de um portão de um patrimônio público, entre outros.

Eles diziam que estavam vivendo o período do terror, no qual imaginavam a ocorrência de coisas impossíveis como uma pessoa apaixonar-se pelo fio de cabelo da namorada ou surgirem vários pães imensos no mundo. Buscavam uma nova ordem, nesse regime de insurgência fantástica. Numa conversa em que os pais dos três amigos interpelam Marciano sobre o sentido daquelas ações, que julgam disparatadas e inadequadas, e ele tenta esclarecer a ideologia desse novo sistema:

— Pretendemos (e o jovem inclinou-se para a frente, juntando os dedos, olhar brilhante) não a libertação do nosso subconsciente em forma de arte, o que os surrealistas já fizeram e cansaram de fazer — vocês nunca ouviram falar em André Breton? Não, pelo jeito nunca ouviram. Bem, mas eu dizia: não a libertação dos

impulsos do subconsciente de cada um, compreende? mas o desencadeamento das forças comuns a todo homem, de toda a humanidade, sabe como é? Adormecidas, há séculos, pelas exigências da vida em sociedade. Subjugadas pelos preconceitos. A moral burguesa. As convenções sociais. O lugar-comum. Essa coisa toda. Uma espécie de subconsciente coletivo, de que Freud não pensou, nem ele, nem ninguém (Sabino, p.98-99, 1956/2006).

Nesta passagem de sua vida, Eduardo, Mauro e Hugo parecem viver liberdade nas ações e no pensamento. Com o passar dos anos, as obrigações da vida adulta e os estreitamentos dos vínculos com as instituições sociais vão arrefecendo os ânimos de rebeldia da juventude. Todos começam a trabalhar e o próprio Eduardo dedica-se ao ofício de escrever.

O último exagero explicita bem o fim dessa fase mais libertária, quando da retirada de chapéus de uma vitrine e a posterior prisão por esse delito:

Não gostaram da advertência. Sentiam no ar que a ameaça se concretizaria. Aquilo ainda acabaria mal: por pouco não foram apontados à cidade como ladrões. Não tinha nexos tamanha leviandade — eles próprios, agora, protestavam. E buscavam um sentido, além da simples espontaneidade de viver. Compenetravam-se: estava findo o Regime do Terror (Sabino, p.116-117,1956/2006).

O fim do regime do Terror significou a entrada na vida adulta e um mergulho adaptativo na vida em sociedade. Estava selado o pacto de adesão e submissão às regras e costumes normativos prevalecentes naquele mundo em que viviam. Com a quietude da contestação e da rebeldia, no entanto, emerge o tédio e a busca de um sentido que explicasse ou justificasse uma nova vida despojada da espontaneidade, da virulência das paixões, do arrojo do pensamento, da efervescência das relações sociais e dos vínculos de amizade.

Tal movimento da personagem, de uma vida efervescente para uma vida resfriada, pode ser tomado, no caso, como disparador de um estado de tédio. Essa leitura do tédio como resfriamento da vida, produzido pela domesticação moral normalizadora da subjetividade, encontra apoio em autores que tratam do assunto.

(...) O longo curso da produção histórica de uma civilização pacífica, ordeira e estável, amante da ordem, não poderia dispensar, assinala Leopardi, a afirmação de uma moral totalizante e hegemônica com a qual as regularidades uniformes das sociedades ditas civilizadas se instalam. E este processo inteiro reflete, de modo quase imediato, a emergência do tédio (Carvalho, 1998, p.69).

O mesmo processo civilizatório que acompanhou a história da humanidade, também acompanha a trajetória de vida do sujeito, fazendo-o evoluir de estados considerados mais primitivos da vida para outros tidos como superiores e civilizados. No entanto, o processo civilizatório do sujeito implica, nas sociedades uniformes e ordeiras, sua abdição das singularidades que o constituem como tal para curvar-se às entediadas e servis padronizações que, no fundo, o destituem como sujeito propriamente dito, lhe retiram o ato mais profundamente humano que é o de dar sentido às coisas do mundo e à própria vida.

Continuando a saga de Marciano, ao mesmo tempo em que se distancia do regime do Terror e dos amigos, passa a namorar a filha de um ministro com quem se casa. Vai

morar no Rio de Janeiro, consegue um emprego público com a ajuda do sogro e escreve artigos para um jornal da cidade. Nada mais cruel e mortificante para um jovem rebelde do que transformar-se em funcionário público: signo maior de uma vida burocrática, repetitiva e monótona.

Na segunda parte do livro, intitulada “O Encontro”, é relatada a rotina de recém casado; a vida com os novos amigos literatos e intelectuais, os quais Eduardo dizia à esposa que eram imorais e sem princípios. Nesta nova etapa, é possível perceber a angústia em suas reflexões sobre sua existência: “Pela manhã, depois de mais uma noite insone no bar ou em casa de alguém, Eduardo se interrogava ao espelho: um dia mais velho. Que estou fazendo de minha vida? — se perguntava, e saía para o trabalho (Sabino, p.218,1956/2006)”.

Nesse período, a personagem sobrevivia, percebendo o tempo passar e sofrendo por não conseguir escrever, como pode ser notado em uma carta ao amigo Hugo: “Sei apenas que estou vivo. Nada mais sei. Sinto em mim um sangue que talvez exista para ser derramado e não para correr frouxamente pelas veias” (Sabino, p.220, 1956/2006). Nesse estado de angústia e crise, diz ao amigo Tércio quem gostaria de ser e a vida que gostaria de ter:

— Cansado desta vida. Vontade de me mudar do Rio, ir para um lugar sossegado, ter um filho, criá-lo longe daqui, constituir uma família, compreende? Levar uma vida decente. Não nasci para isso. Só você, que me conhece melhor, pode me compreender. Nós somos diferentes um do outro, eu sei; mas você sabe que eu não nasci para isso. Eu queria ser um homem simples, direito... Um homem como meu pai (Sabino, p.228, 1956/2006).

É possível delinear a busca de dois grandes ideais na trajetória de Eduardo: ser um escritor e um homem simples e direito. Metas que a cada dia parecem distanciar-se da personagem devido a intensificação da vida boêmia. Parece que, velado nesses objetivos, há um ideal de pureza que Eduardo busca incessantemente. Carvalho (1998) afirma que o tédio instala-se devido a um cansaço vindo pela busca de um ideal inatingido, e é justamente este o movimento realizado pela personagem que, em muitos momentos, apropria-se deste estado subjetivo.

O pai da personagem falece algum tempo após seu casamento e esta perda soma-se a outras durante a visita à cidade de origem para o enterro, pois Eduardo percebe que Mauro e Hugo mudaram e questiona e lamenta-se por si próprio: “A que ponto chegara: em Belo Horizonte lastimara Hugo e Mauro, agora percebia que também ele não escapava, eram os três que naufragavam lentamente. Mas ainda haveria de se salvar (Sabino, 1956/2006, p.237)”. A sensação de tédio é muito forte na vida da personagem neste período, a impressão dos dias se passando, nada acontecendo, ele envelhecendo distante do que havia planejado. Antes de voltar ao Rio, vive intensa angústia:

Sentia-se inseguro como no instante de se atirar na piscina em dia de competição. Mas isso não era nada: era um estado permanente de angústia, crônico, suportável — era a fragilidade do ser diante da brutalidade e da crueza da vida, mas era ainda a vida o existir e se saber presente. A evasão da realidade, o vórtice negro em que se sentira cair ali na janela, como num poço, é que era a angústia, o desespero, a negação de si mesmo — o não-ser, o vazio, o nada. Sua testa começou a porejar suor, quando viu que o poço

*Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino*

novamente se abria, tudo começava de novo a perder o sentido, suas forças faltavam e ele se agarrava apavorado a uma idéia qualquer para não ser tragado...

— Não, não! — balbuciava, e começou a chorar. — Meu Deus, me ajude!

Aos poucos veio o apaziguamento, numa espécie de letargia em que ele nada sabia de si mesmo e tinha medo sequer de se mover. Deflagrada a crise, ficava agora alagado, destruído, nada mais germinaria ali, tudo seria remorso e solidão. Desgraçado! candidato ao esquecimento(Sabino, 1956/2006, p.238).

No regresso a cidade carioca, muda-se de apartamento, torna-se mais amoroso com a esposa, afasta-se dos antigos amigos, escreve mais, na busca de uma vida diferente da anterior, prometia a esposa que seriam felizes : “— Quero levar uma vida bem simples — dizia ele. — Viver para você, apenas. E para escrever (Sabino, 1956/2006, p.241) “.

Na “nova vida” Eduardo buscava a organização de seus pensamentos e o firmamento de suas convicções. É possível traçar um paralelo entre a carência de certezas da personagem e a subjetividade pós-moderna, mergulhada na impiedosa transição paradigmática que substitui laços sociais e vinculações afetivas sólidas por uma condição de insegurança e desamparo (Bauman, 2005, p.37).

Nesta fase de tentativa de mudança, é importante destacar a predominância de um estado de calma; de um ritmo de vida cadenciado e de uma estabilidade sem perturbações de arroubos de pensamentos ou paixões. Uma existência burocrática, interpretada por ambos como felicidade:

Enfim, pareciam constituir um casal feliz. Eduardo fazia planos literários — um livro de ensaios, por que não? Faltava um crítico à sua geração, não era isso mesmo? Antonieta pensava em aprender alguma coisa, tomar aulas particulares — costura, datilografia, francês, ginástica, culinária. Desde que terminara o colégio, não estudara mais nada, queria sentir-se útil, encher seu tempo. Não faziam nada disso e à noite se buscavam sem pressa, para cumprir pacificamente os deveres de estado. Essa era a felicidade, pois. A rotina não sendo afinal o temido fantasma do tédio, mas a ordem o equilíbrio, a permanência tornados hábito (Sabino, 1956/2006, p.251/252).

Esta ausência de enfado, porém, não foi suficiente para Eduardo, que ao perceber o distanciamento dos amigos da juventude mineira, fez um balanço de sua vida e concluiu: “Não tendo outra coisa a fazer, deu mais um balanço em sua vida. Para surpresa sua, apurou um saldo — pelo menos não tinha de que se queixar, como Mauro, Hugo e tantos outros: estava bem de vida (Sabino, 1956/2006, p.253)”. Esta reflexão constata as boas condições da vida financeira da personagem, porém, insuficiente para tamponar sua insatisfação permanente.

A insatisfação leva ao retorno da velha rotina de bares. Não conseguia ficar em casa e passava as noites na zona boêmia da cidade. Apaixonou-se por outra mulher, mas não obteve dela qualquer correspondência. Neste período, o sentimento de solidão da personagem se fortaleceu cada vez mais e um estado de intensa angústia continuou a acompanhá-lo. A perda do filho que a esposa estava esperando contribuiu para o distanciamento entre os dois. Mesmo com tantas adversidades, várias vezes Eduardo buscou tornar-se um escritor e reconstruir seu casamento, porém, ambas buscas não foram alcançadas. Deixou até mesmo de publicar artigos semanais no jornal e ele e a esposa se separaram.

O constante recomeço marca toda trajetória da personagem, especialmente o projeto de ser escritor, como é possível perceber nestes trechos: “Sabia outrora fazer artigos desafiando a censura, atacando o governo, exigindo democracia. Onde ficara tudo aquilo? Ali talvez estivesse a oportunidade para recomeçar algo de útil, voltar a escrever, influenciando, participando (Sabino, 1956/2006, p.289)”.

Eternamente se preparando para tornar-se escritor, eternamente começando, em pouco seria tarde, não mais teria direito de escrever asneiras, teria de começar com uma obra-prima [...] Colocar-se naquela postura de quem vai escrever — eis tudo, o resto era fácil. Quando iria ele afinal, levar sua vocação a sério, começar?(Sabino, 1956/2006, p.283-284)”.

Eduardo vivencia este “constante recomeço”, como um processo de repetição que intensifica o tempo e mantém sua vida sempre acelerada, mas não chega a lugar algum e retorna sempre ao ponto de partida. O movimento de retorno e a constante busca de um objetivo para a vida, tal como se observa na personagem, é característico da contemporaneidade, visto que nela nada se termina, nada se acaba (Deleuze, 1992).

A vida acelerada e turbulenta, a distância da mulher, o fim próximo do casamento, a dificuldade em escrever um livro precipitaram em Eduardo a irrupção de uma sensação de vazio:

Um dia ia abrir a boca na sua roda costumeira no bar da cidade, para dizer uma coisa, viu que não tinha nada a dizer, não chegou a abrir a boca. Vasculhou-se interiormente, não encontrou nada; nem uma idéia, um pensamento aproveitável. Estava vazio, literalmente vazio, nada interessava, nada tinha importância.

— Eu acabei completamente! — descobriu, abismado (Sabino, 1956/2006, p.284).

Com o término do casamento, a personagem ingressa em um período de busca de sentidos. Comparece ao “Encontro” que fora “Marcado”, quinze anos atrás, com os amigos, quando se despediram da vida de colegiais juvenis e tomaram cada um seu rumo. Os amigos não compareceram a esse encontro, deixando para Eduardo mais uma perda e o sentimento do vazio.

Se lança, então, a uma empreita radical contra a insipidez da vida. Resolve se desfazer de tudo e realizar um grande viagem. Doa seus livros ao filho de um amigo que sonha com o ofício de escrever um livro; abandona o emprego e se desfaz do apartamento onde morava, mas, antes da viagem se retira em um convento onde havia um amigo da adolescência. No encontro com o amigo acaba a história de Eduardo Marciano.

Podia se pensar que a personagem procura neste movimento final esgotar toda sensação de vazio, angústia e tédio que acompanham sua trajetória, porém, também é possível supor que a busca pelo ideal de pureza se mantém. A profética frase dita em sua juventude reflete os caminhos percorridos pela personagem em toda sua história: “Haveria de arrastar, vida afora, o seu dilema, oscilando entre” as exigências da vida e sua ânsia de pureza “— como dizia num verso (Sabino, 1956/2006, p.103)”.

## **Conclusão**

Uma vida é um universo repleto de acontecimentos, impossível de ser esgotada em suas realizações e sentidos, por mais pormenorizada que seja a análise e por mais astuto que seja o analista, ainda mais quando se trata de uma vida que jamais foi vivida, como são as vidas das personagens saídas da imaginação criativa dos escritores.

Nossa pretensão não foi a de analisar a vida de Eduardo Marciano, mas tão somente tomar alguns de seus fragmentos para ilustrar as irrupções do tédio na subjetividade moderna, que tende a se acentuar cada vez mais no contemporâneo. Tédio que denuncia uma vida paralisada, esvaziada, enfastiada, apática e indiferente num mundo que, paradoxalmente, se apresenta como eletrizante, ágil, veloz e mutante. Era exatamente a mortificação da vida, propriamente dita, num cenário urbano marcado por signos de ebulição e de efervescência de mudanças que Baudelaire (1869/2007), nos seus poemas, e Simmel (1902/1987), nas suas análises da cidade moderna, enfatizavam com tanta veemência.

A aparente contradição se desfaz quando ponderamos que a celeridade do mundo, não carrega consigo o sujeito, ao contrário, o coloca numa posição cada vez mais secundária e de expectador. Com a modernidade, o homem embarcou num “carro de Jagrená” (Giddens, p. 133 e 140, 1991), uma gigantesca máquina, movida coletivamente, mas que faz de seus embarcados mais passageiros do que viajantes. Uma máquina social que dispensa cada vez mais a condução humana e é levada autonomamente pela tecnologia, caracterizando um mundo automatizado.

A automação da produção, descartando o trabalho humano, se expande para a produção de subjetividade, esvaziando o sujeito. O mundo se transborda no excesso de ofertas de consumo de produtos de toda ordem, fazendo o “Carro de Jagrená” esmagar o sujeito ou levá-lo de roldão. É nessa imobilização ou neutralização do sujeito que o tédio comparece como produção de subjetividade de uma condição de passageiro que não pode desembarcar e nem pode atuar no direcionamento da viagem. O mundo continua em vertigem, mas o sujeito se queda paralisado e oco, ainda que levado pelas torrentes das contingências da vida.

Eduardo Marciano, com seus amigos, durante a juventude, tenta agir sobre a condução do “Carro de Jagrená”, sobre os destinos do mundo e, assim, sente-se potente, preenchido, filiado e inscrito ativamente na sociedade. Com o avançar dos anos vai sendo, aos poucos, engolido pela opulenta máquina social. Com sua vida, esvaziada, passa a clamar por sentidos mais virulentos, que justifiquem sua presença no mundo como sujeito e não simplesmente como um a mais na massa indiferenciada e aquiescente.

A vida entediante começa a se instalar com o casamento, com o trabalho no serviço público e até mesmo com seus escritos corriqueiros em jornais. Quanto mais adentra o “carro de Jagrená”, se aprofunda sua condição de passageiro e de esvaziamento de si mesmo.

A grande viagem de Eduardo, no final do romance, fica em suspenso na narrativa de Sabino. A maioria dos seus intérpretes a consideram simbolicamente como uma viagem ao seu interior, uma viagem existencial em busca do sentido da vida. O encontro com o amigo exilado no convento poderia aludir a um verdadeiro Encontro, não como aqueles fugazes da adolescência pueril, mas um encontro definitivo e radical com o outro e consigo mesmo, mediante um estado de exame amplo e profundo da vida que, segundo Freud (1914/1970), lamentavelmente, só pode acontecer em momentos

extremamente trágicos e angustiantes da vida, como aqueles que ocorrem no estado de luto e melancolia diante do sentimento culposos de implicação em pesadas perdas irreparáveis.

Seguindo a análise de Freud (1914/1970), poderíamos arrojamos um pouco mais e interpretar a pretendida viagem de Eduardo, depois de se desfazer de seus preciosos livros e da casa, como a derradeira viagem da vida, rumo à morte. Essa é uma viagem bastante plausível na lógica da melancolia, ainda mais para alguém, como Eduardo, atormentado por mortes angustiantes que acompanharam sua trajetória de vida, como foram as mortes de uma galinha de estimação – que por sinal tinha seu nome: Eduarda – , de um amigo adolescente que se suicidou, a morte do pai e de dois filhos abortados.

Se a viagem de Eduardo seria a derradeira viagem rumo à morte, jamais se poderia saber porque o gênio de Sabino a deixou em suspenso, colocando um fim na sua história antes que ela pudesse se materializar. No entanto, para os propósitos principais destas reflexões, surge uma nova indagação: existem diferenças entre o tédio e a depressão ou a melancolia? Seria Eduardo um depressivo, como apontam a maioria das análises? Quais os enlaces da depressão e do tédio com a sociedade e a cultura contemporâneas?

Tais indagações repõem até mesmo a dúvida sobre a pertinência de se tomar Eduardo Marciano como exemplo de um modo de subjetivação pautado pela indiferença e fugacidade vivida num mundo marcado pela velocidade, fluidez e efemeridade.

O tédio é perfeitamente compreensível quando tomado como resultado de um processo de fastio, indiferença e vazio, diante de uma experiência de excesso no contato com um mundo mercadológico e consumista, como o atual, que não cessa em fazer transbordar as ofertas de prazeres personalizadas e, portanto, solitárias. Não era exatamente assim o mundo em que viveu Eduardo Marciano, no final da década de quarenta, no ambiente pós-guerra. Mas já estava nele o embrião daquilo que foi perfeitamente vislumbrado por Baudelaire, no século XIX, e que iria crescer rapidamente e se alastrar pelo mundo: a aceleração do tempo, a ampliação do espaço e o crescimento do “carro de Jagrená”, impulsionado por uma tecnologia capaz de suplantar e avassalar seu próprio criador, o homem.

Fernando Sabino conseguiu também captar, no seu tempo, a forte presença de um clima de agitação da vida vivido, principalmente pelos jovens. Soube, ainda, com a personagem de Eduardo Marciano, captar as subjetivações da juventude mergulhada profundamente no *frenesi* de um mundo que acenava com mudanças possíveis pela ação de sujeitos irreverentes e destemidos. Mas o golpe de maior genialidade desse escritor, nessa obra, foi retratar um estado de ressaca após a ebulição da juventude. Ressaca na qual, com o avançar da idade e dos agenciamentos que capturam o adulto, o ritmo da vida diminui e aparece uma sensação de impotência e de vazio. Não uma desaceleração da vida prática e objetiva – que pode até aumentar – mas uma desaceleração do vigor da vida associado a mudanças, à transformações de si mesmo e do mundo. O estado de insipidez e de perda de sentido da vida diz respeito a uma desaceleração do sujeito, ao enfraquecimento de sua potência transformadora.

O que Eduardo vivencia é o tédio de uma vida que pode estar envolta por um mundo agitado e turbulento, mas que apenas reproduz e repete o mesmo em altíssima velocidade. Na atualidade, o consumismo é a experiência maior do aumento do ritmo da vida que exige do sujeito uma movimentação e rapidez cada vez maiores, porém, sem que consiga, na verdade, sair do lugar ou alcançar objetivos finais. O consumidor pode

*Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino*

não repetir o consumo de um mesmo objeto, dado a imensa capacidade de o mercado renovar suas ofertas, mas estará repetindo algo ainda mais avassalador: sua condição de mero consumidor.

O tédio denuncia, como no caso de Eduardo, uma vida empobrecida, desprovida de sentido, isolada e bloqueada na sua capacidade de mudança e de criação. Mais ainda, à semelhança da depressão, o tédio denuncia o esvaecimento do outro, o desinvestimento do mundo, a perda de interesse, a indiferença. O remédio para tal cansaço ou esvaziamento da vida, como também procura mostrar Eduardo, é o mais elementar de todos: a busca do outro, o Encontro. Se os Encontros Marcados não acontecem, como foi aquele que Eduardo Marciano marcara com os amigos de infância, que não compareceram, resta ir a outros encontros possíveis e talvez seja esse o significado maior da viagem que encerra o romance.

Oliveira, A. A. A. & Justo, S. J. (2010) Expressions of boredom in the contemporaneousness: an analysis of Fernando Sabino's O encontro marcado. *Revista de Psicologia da Unesp*, 10(1), 45-57.

**Abstract:** *Contemporaneousness is characterized essentially by the incorporation and acceptance of the ephemeral and the transitory. Through the volatility and the intensification of life, boredom appears as a manifestation of tiredness and depotentialization of the subject. The main purpose of this study was to identify and analyze the expressions of boredom in the culture, taking as corpus a novel by Fernando Sabino entitled O encontro marcado, published in 1956. Through protagonist's history of life the decline of affective involvements and sensation of life enchantment was observed. From an excited, irreverent and aggressive life in youth, this character dive into a state of boredom, with a wedding and a public job which he cannot deal with, besides him being not capable of producing feelings that maintain his force and joy of life.*

**Key Words:** *Boredom, Contemporaneousness and Literature.*

### **Referências Bibliográficas**

Adam, M.R.C.O. (2005) *Clarice Lispector e Franz Kafka: trilhas e vislumbres*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Augé, M. (1994) *Não lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade*. Campinas: Papiros.

Baudelaire, C. (2007) *Spleen de Paris*. Rio de Janeiro: Relógio D'Água.(Publicado originalmente em 1869).

- Bauman, Z. (1998) *O Mal Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_.(2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Carvalho, P. R. (1998) *O tédio nosso de cada dia: uma análise parcial dos processos de subjetivação da contemporaneidade*. Dissertação de doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Deleuze, G. (1992) *Conversações*. Rio de Janeiro: 34.
- Delgado, L. (2007) Tempo de reencontro em Fernando Sabino: memória, literatura, história e modernidade. *ArtCultura*, v. 9, n.14, p.143-155.
- Freud, S. (1970).Metapsicologia. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.(Trabalho original publicado em 1916).
- \_\_\_\_\_(1970). *Luto e Melancolia*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1914).
- Giddens, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Guida, A. M. (2008) A poética do tédio e/ou do tempo. *Revista Travessias*, v. 02, p. 01-01.
- Harvey, D. (1998). *A condição pós-moderna* (7a ed.). Trad. Adail Sobral e Maria Gonçalves. São Paulo: Loyola.
- Medeiros, J. B. (2009) Baudelaire: fragmentação e melancolia em meio à multidão. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 11, n. 1, p.71-76.
- Sabino, F. (2006) *O encontro marcado* (82a ed). Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record.(Publicado originalmente em 1956).
- Simmel, G. (1987) MetrÓpole e vida mental. In: VELHO, O. G. (Org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara.(Trabalho publicado originalmente em 1902).
- Tanis, B. (2004) *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo/Fapesp.

Recebido: 31 de janeiro de 2010.

Aprovado: 10 de março de 2010.